

MACHADO DE ASSIS, LIMA BARRETO E A 'VERDADE' DA LOUCURA

Luciana Hidalgo
(FAPERJ)

RESUMO

A comparação entre a novela "O alienista", de Machado de Assis, e *Diário do hospício*, de Lima Barreto, revela-se fértil para a investigação de afinidades e diferenças nas perspectivas dos dois autores em relação a um tema relevante para ambos: a *loucura*. Machado utilizou suporte ficcional para estruturar o perfil do alienista no século XIX, Simão Bacamarte, o símbolo da ciência como poder supremo. Lima escreveu o diário sob emergência, durante sua segunda internação no Hospital Nacional dos Alienados (1919/20), na desprivilegiada condição de paciente psiquiátrico. Cada qual em seu estilo e gênero, eles inverteram a mão do poder ao desqualificarem a autoridade do alienista, levando-o ao ridículo ou denunciando-lhe a arbitrariedade, o abuso, o equívoco. Os autores encontram outro viés na busca da *verdade* da loucura, investindo contra o saber-poder psiquiátrico que manipulou o personagem *louco* numa época dominada pela *verdade* científica.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, loucura.

À leitura da obra de Machado de Assis, instala-se a suspeita: como todo excesso provoca desconfiança, é impossível ignorar o excedente de ironia, que, ao vazar de seus escritos, chama atenção para as questões subterrâneas de um escritor socialmente tão bem adaptado. Sob o *pince-nez*, na reservada vida burguesa, totalmente inserido na intelectualidade da época, o autor apresentou um olhar preciso, cirúrgico, ao criticar os paradoxos da sociedade de seu tempo. Com discri-

ção, sem alarde. À leitura da obra de Lima Barreto, sobressai igualmente o excesso, porém um outro: o escritor muitas vezes quebrou a fachada envidraçada da ironia, a dissimulação etimologicamente intrínseca ao termo grego *eironeia*, com uma mordacidade que incitava o confronto direto com a sociedade. Esta, uma vez atingida, não lhe perdoou a virulência, rejeitando-o. Apesar de alguns aspectos biográficos afins (a origem social desprivilegiada, a cor negra), os dois autores não só optaram por trilhas estéticas díspares como personificaram tipos intelectuais contrastantes. Guardadas as diferenças, no entanto, muitas das suas questões coincidem, unindo algumas obras num diálogo surpreendente quando confrontadas, sobretudo em relação a um tema caro a ambos: a relativa *loucura*, abordada em vários escritos, entre os quais destacam-se “O alienista”, de Machado de Assis, e *Diário do hospício*, de Lima Barreto.

Mais do que a loucura em si – tão complexa que torna difícil a sua inoculação num coeficiente absoluto – o que salta aos olhos nas duas obras é o personagem *louco*, apropriado pelos mais diversos instrumentos de poder ao longo dos séculos, sem possibilidade de apelo. Em *História da loucura na Idade Clássica*, Michel Foucault mostra como a Europa dos séculos XVII e XVIII deu início à prática da internação para isolar aqueles que a sociedade considerava *rebotalhos*, refugos humanos não absorvidos no cotidiano pela aristocracia e burguesia, ou seja, *a-sociais* não necessariamente dotados de perturbações mentais.

Quando Lima Barreto deu ao hospício o epíteto *cemitério dos vivos*, título do romance inacabado originado das anotações de *Diário do hospício*, concentrou na expressão toda a poética mórbida capaz de simultaneamente atrair e aterrorizar, tão presente em toda a iconografia ocidental, desde pelo menos a Idade Média. Foucault mostrou como o tema da morte, que imperou no mundo ocidental até a segunda metade do século XV, foi então substituído pelo da loucura, ocupando a função de apontar e lidar com o vazio da existência. Os loucos assumiram o lugar dos leprosos na exclusão social, exatamente quando a lepra começou a sumir do universo medieval e do seu imaginário. Na mesma margem destinada aos loucos, enfileiraram-se portadores de doenças venéreas, pobres, vagabundos e presidiários. Hordas de *mortos-vivos* incapazes de gerir a própria sobrevivência. A associação era clara: a loucura denunciava a morte em vida, o *fim*, “o advento de uma noite na qual mergulha a velha razão do mundo” (FOUCAULT, 1995, p. 22).

Enquanto o pensamento medieval, eminentemente religioso, estabelecia a exclusão social como uma espécie de reintegração espiritual, uma redenção pelo sofrimento, o classicismo acolhia uma novidade, a grande descoberta: o terror por trás da loucura passava a ser reconhecido como inerente à própria natureza humana. O inferno não era o outro, mas residia no interior do homem. Era o terror em si, de si.

A psiquiatria apropriou-se do louco e passou a tratá-lo como sujeito somente a partir do século XIX, época em que o termo *alienação mental* passou a ser usado por Pinel e Esquirol. Em *A loucura e as épocas*, Isaías Pessotti faz um estudo das idéias dos alienistas para concluir que “de um modo geral, a causa da loucura era a ‘imoralidade’, entendida como excesso ou exagero, daí a terapia ser chamada *tratamento moral*, de ‘afecções morais’ ou ‘paixões morais’; a loucura é excesso e desvio, a ser corrigido pela mudança de costumes, mudança de hábitos (...)” (PESSOT, 1994, p. 156). A internação no hospital psiquiátrico do século XIX seria uma tentativa de reeducação do sujeito sob regulamentos e olhares rigorosos, desde o desvio até a recuperação. Ou seja, a loucura, que durante o classicismo era o mal e se avizinhava da morte, foi *socorrida* por uma psiquiatria redentora deste mal incubado no interior do homem. No entanto, se o louco permanecia um cidadão proscrito, é porque o mal não fora expiado. Ao acumular loucos em série no domínio do asilo, pode-se pensar que a psiquiatria apenas reinventou o mal da loucura, dando-lhe nova roupagem, base científica e um método. A *cura* dos alienados significaria a extirpação de um mal que, se já começava a extrapolar as noções maniqueístas católicas, ainda antagonizava com a noção de bem-estar social estabelecida pela moral burguesa oitocentista que adentraria o século XX.

Lima Barreto passou duas temporadas no Hospital Nacional dos Alienados, no Rio de Janeiro, em 1914 e 1919/20, devido a delírios provocados pelo alcoolismo, condenado a lidar com psicóticos e psiquiatras numa sociedade artificial, forjada a pretexto do controle do desatino. Entre o mal-estar íntimo e delírios alheios, escreveu *Diário do hospício* (durante a segunda internação, de 25 de dezembro de 1919 a 2 de fevereiro de 1920), reunindo impressões, inconfidências e, sobretudo, uma visão muito peculiar da instituição psiquiátrica e da insânia. Lúcido após o efeito da bebida, desenvolveu uma literatura da urgência: uma narrativa-limite contagiada pelo círculo de vícios do manicômio, produzida a partir da experiência manicomial para dar conta da-

quela situação-limite.

Machado de Assis escreveu a novela “O alienista”, publicada em 1881 (em jornal, posteriormente em livro), de um outro lugar. Percebe-se que o autor se distancia do tema, ironiza-o, parece divertir-se, embora por vezes surja para o leitor – informado sobre sua biografia – ecos de uma delicada questão da vida do escritor: a epilepsia que o acometia, mantida em segredo até mesmo entre amigos. A biógrafa Lucia Miguel-Pereira o retrata, na infância, como menino franzino, doentio, “um moleque um pouco diferente dos outros”, dado a “umas cousas esquisitas” (MIGUEL-PEREIRA, 1936, p. 29) provavelmente relacionadas às crises epiléticas. Em *Doença e constituição de Machado de Assis*, Peregrino Junior menciona uma alusão mais clara, registrada pelo próprio Machado, à enfermidade que era também de Gustave Flaubert:

Já às portas da morte, da melancholica solidão do seu quarto de enfermo, elle escrevia a Mario de Alencar: “Meu querido amigo, hoje à tarde reli uma pagina da biografia de Flaubert; achei a mesma solidão e tristeza, e até o mesmo mal, como sabe, o outro” (JUNIOR, 1938, p. 27).

Hipócrates (460-377 a.C.) – que, aliás, é citado em “O alienista”, na descrição de Simão Bacamarte como “grande homem austero, Hipócrates forrado de Catão” (ASSIS, 1997, p. 280) – foi o primeiro a racionalmente descrever e classificar doenças como epilepsia, mania, paranóia, posicionando-as em escalas muito próximas e imprimindo uma marca indelével ao *mal* de Machado, Flaubert, Dostoiévski e tantas personalidades célebres. Um *mal* estigmatizado por equivocadamente se avizinhar da *loucura* em geral, dado o mistério da sua origem, a inconsciência durante a crise. Alvo constante de preconceito, tratado com purgantes, laxantes e sangrias, entre outros tratamentos hipocráticos, na Idade Média passou a ser combatido com exorcismo, o que prova sua inserção entre males atribuídos ao diabo. José Lemes Lopes, em *A psiquiatria de Machado de Assis*, aborda o assunto de forma objetiva: “A repercussão da epilepsia, numa pessoa de inteligência superior, leva-a a meditar sobre a inconstância e a fragilidade do equilíbrio mental” (LOPES, 1974, p. 18).

Se contornos biográficos cercam os escritos machadianos sobre loucura (a exemplo também de *Quincas Borba*), dados autobiográficos não surgem explicitamente em “O alienista”, novela que explicita, sim,

uma crítica nada dissimulada ao alienismo, mais especificamente ao poder inalienável do alienista. O título da novela evidencia o ponto de vista adotado: o do alienista, Simão Bacamarte, sumo representante da ciência, “filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas” (ASSIS, 1997, p. 253). O protagonista retorna à terra natal, a pequena Itaguaí, aos 34 anos, iluminado por toda uma mística em torno do título de *doutor* obtido na Europa. Um tipo, aliás, execrado por Lima Barreto em vários escritos, entre os quais destaca-se uma carta (de 1917) ao crítico Veiga Miranda, em que o autor desmistifica o diploma:

Se a minha modesta pessoa deseja conseguir alguma coisa, é retirar do “doutor” o halo de aristocracia, de sujeito digno de executar tudo, melhor do que os outros, mesmo aquilo que seja inteiramente diferente da profissão que lhe marca o diploma. O “doutor”, no entender da nossa gente, de alto a baixo, é sempre o mais apto, não pelo que ele revela, mas por ser doutor (BARRETO, 1998, p. 243).

O perfil de Simão Bacamarte é tão *doutoral*, perfeito, que mal disfarça a crítica de Machado e vem de encontro ao comentário de Lima. Afinal, um doutor tão honrado, *o maior*, ao por em prática a teoria aprendida com a obtenção do diploma, deixa transparecer falhas. O humano trai o cientista. Quando o alienista cria a Casa Verde para recolher *doudos* num mesmo espaço, é nítida a arbitrariedade do diagnóstico da loucura, ainda que travestida de método científico. Machado embaça pouco a pouco o *halo de aristocracia* em torno de Simão e chega ao ápice de despedaçar o mito do *doutor*. Afinal, no epílogo, é ele o único louco. Sai da condição privilegiada de médico para a de doente, ainda que nessa travessia detenha o poder do prognóstico: ninguém o diagnostica, senão ele próprio.

Nesse perfil tão burlescamente construído por Machado, inclui-se a relação de Simão com a mulher, Dona Evarista, desprovida de encantos estéticos, mas escolhida cientificamente por um médico interessado nas boas condições fisiológicas e anatômicas passíveis de gerarem filhos robustos. Percebe-se que a ciência norteia toda a vida do alienista, inclusive a privada. A ciência está acima do amor, da família. No entanto, o golpe de desconstrução da soberba do homem da ciência é dado pelo autor já de início: a certeza científica é traiçoeira; o casal é infértil. Destaca-se o antagonismo entre a razão (o médico) e a emoção (caracterizada pela mulher e suas questões mais levianas). Simão ja-

mais se abala. É um personagem racional, distante, seguro, pois, como afirma Lima em *Diário do hospício*, a respeito do irmão que o internou, tem “fê na onipotência da ciência e a credence do Hospício” (BARRETO, 1993, p. 24-25).

Com “um olhar que metia medo aos mais heróicos” (ASSIS, 1997, p. 260), Simão personifica o *mestre da loucura*, tal como Foucault enunciou:

Todas as técnicas ou procedimentos efetuados no asilo do século XIX – isolamento, interrogatório particular ou público, tratamentos-punições como a ducha, pregações morais, encorajamentos ou repreensões, disciplina rigorosa, trabalho obrigatório, recompensa, relações preferenciais entre o médico e alguns de seus doentes, relações de vassalagem, de posse, de domesticidade e às vezes de servidão entre doente e médico – tudo isto tinha por função fazer do personagem do médico o “mestre da loucura”; aquele que a faz se manifestar em sua verdade quando ela se esconde, quando permanece soterrada e silenciosa, e aquele que a domina, a acalma e a absorve depois de a ter sabiamente desencadeado (FOUCAULT, 1988, p. 122).

A atuação ambígua do *médico* e do *monstro* é evidente no, a princípio, bem-intencionado Simão, cuja fê no método científico quase extrapola o fervor religioso. Em “*Itagã, ou le grand théâtre du monde*”, Pierre Brunel afirma: “Desde o início da novela, percebemos nele uma megalomania, que não pára de crescer.” A certa altura, Brunel indaga: “Deus do asilo?” Apesar de dizer que não se vê obrigado a prestar contas de seus atos como alienista “a ninguém, salvo aos mestres e a Deus” (ASSIS, 1997, p. 272), Simão encarna o típico alienista do século XIX, para quem a ciência – nesse caso específico, o alienismo – constituía a única verdadeira forma de conhecimento. Não por acaso o médico se interessa pela *patologia cerebral* e a escolhe como campo para o exercício da medicina no Brasil; ele sabe de antemão não existir “na colônia, e ainda no reino, uma só autoridade em semelhante matéria, mal explorada, ou quase inexplorada” (ASSIS, 1997, p. 254). Sendo assim, o *mestre* reina soberano e confere a si um poder inquestionável. Divino?

No círculo de poderes e vícios do Hospital Nacional dos Alienados, a *Casa Verde* de Lima Barreto, este se encontrava no extremo oposto do alienista, da autoridade, sobretudo porque fora admitido inicialmente na seção de indigentes. Lima – àquela altura autor de *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*, *Triste fim de Policarpo Quaresma* e

Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá – foi provisoriamente destituído da identidade pregressa. De *escritor* passou a *paciente psiquiátrico*; de *intelectual* a *alcoólatra*; de *funcionário público* a *indigente*. Apesar da perda do status, manteve a escrita como exercício, uma reação ao processo de institucionalização do sujeito. As notas íntimas de *Diário do hospício* registram cada detalhe da percepção arguta do autor, revertendo a mão do poder ao expressar, por exemplo, opinião sobre o alienista da seção em que estava:

Não lhe tenho nenhuma antipatia, mas julgo-o mais nevrosado e avoadado que eu. É capaz de ler qualquer novidade de cirurgia aplicada à psiquiatria em uma revista norueguesa e aplicar, sem nenhuma reflexão preliminar, num doente qualquer. É muito amante de novidades, do *vient de paraître*, das últimas criações científicas ou que outro nome tenham (BARRETO, 1993, p. 30-31).

O trecho evidencia a zombaria travestida de elegância. Lima desqualifica a autoridade, ironizando a aplicação mecânica de saberes importados sem uma reflexão profunda sobre a atividade psiquiátrica. Trata-se do parecer do *dominado* sobre o *dominador*, um *diagnóstico* às avessas. É a inversão total da idéia do panóptico. Afinal, basta lembrar que este complexo mecanismo de poder foi inventado pelo jurista inglês Jeremy Bentham no final do século XVIII justamente para centralizar o olhar e o controle sobre corpos em instituições, tendo inspirado a construção de prisões e hospícios pelo mundo. Estar na mira do olhar de um inspetor significava, segundo Foucault, perder a capacidade de fazer o mal e quase o pensamento de querê-lo. Ou seja, não poder e não querer. Lima Barreto pôde e quis inverter o processo perverso do controle no manicômio, ao escapar da vigilância para escrever o que bem entendesse no espaço branco do papel. Um espaço infinito, autônomo, intocado pela psiquiatria. Ao praticar a leitura e a escrita no manicômio, Lima saía da esfera mecânica e automatizada dos ritos manicomial: o banho, as refeições, o passeio ao sol.

Em *Diário do hospício* este *eu* que provisoriamente embute a função de paciente e escritor dá o norte, é onipresente, embora não onipotente, ampliando questões pessoais para compor uma observação do coletivo que resulta num documento histórico de grande interesse à compreensão do hoje ultrapassado sistema manicomial. A descrição realista do dia-a-dia dos pacientes, funcionários e médicos numa comunidade construída em torno do tratamento da loucura constitui um

exemplar da *literatura não-oficial* da psiquiatria, compilando informações e sutilezas freqüentemente ausentes dos prontuários médicos. Era a medicina, em toda a sua autoridade e com o peso cientificista da época, vista e criticada pelo olhar do paciente. Um paciente desapropriado da cidadania, em posição desprivilegiada na cadeia de poder, com o corpo compulsoriamente detido e inserido no processo homogeneizador de querer e poderes.

Do ponto de vista do paciente, Lima Barreto monta um perfil de alienista muito próximo do que Machado de Assis delineia. No diário, ao descrever o médico Henrique Roxo, acusa-o de ser “muito livresco e pouco interessado em descobrir, em levantar um pouco o véu do mistério – que mistério! – que há na especialidade que professa”. Acrescenta: “Lê os livros da Europa, dos Estados Unidos, talvez; mas não lê a natureza” (BARRETO, 1993, p. 24-25). Sobressai novamente a desconfiança em relação ao saber do *doutor*, à onisciência. O *mestre da loucura* não era, ao olhar de Lima, propriamente um mestre. Henrique Roxo, tal qual Simão Bacamarte, detinha, no entanto, o controle do destino do interno, enquadrando-o na população de alienados sob prognósticos nem sempre convincentes.

Cada qual em seu estilo e perspectiva, Machado de Assis e Lima Barreto dialogam sobre a loucura, mais especificamente sobre o poder do alienista, ou o micropoder, como conceitua Foucault e como explica Roberto Machado na introdução de *Microfísica do poder*: o poder “intervém materialmente, atingindo a realidade mais concreta dos indivíduos – seu corpo – e se situa ao nível do próprio corpo social, e não acima dele, penetrando na vida cotidiana e por isso podendo ser caracterizado como micropoder ou subpoder” (*apud* FOUCAULT, 1998, p. XII). Machado e Lima abrem um espaço para o questionamento dos mais invisíveis mecanismos de poder que efetuavam o controle de hábitos, gestos e discursos na instituição psiquiátrica. Põem em discussão outros temas básicos afins: a arbitrariedade dos diagnósticos, a arrogância da ciência no tratamento-isolamento dos loucos e a vaidade (delírio de grandeza?) dos alienistas autorizados a desapropriar a existência daqueles considerados *alienados*, como se o método fosse realmente *científico*, monolítico. Como se inexistisse o preconceito – a discriminação social (no Brasil, também racial) e de outros tipos – de que fala Foucault, flagrante da exclusão ao longo da história da loucura.

Lima, por exemplo, era o ponto de interseção dos clichês do hos-

pício: pobre, mulato, bêbado, *a-social*. Machado, nascido pobre e mulato, reverteu características consideradas *negativas* na sociedade escravocrata de seu tempo, sendo bem-vindo entre a intelectualidade, não sem um excesso de reserva em relação à vida pessoal, à origem. Apesar da compreensível resistência à inseparável vida-obra no estudo da literatura, é difícil ignorar a biografia de Lima Barreto na análise da sua produção literária, sobretudo em *Diário do hospício*, mas igualmente em alguns romances autobiográficos de sua autoria, mal vistos na época do lançamento justamente pela exagerada, trôpega segundo vários críticos, associação vida-arte. Apesar do esforço no sentido inverso de Machado de Assis, as “cousas esquisitas” surgidas na infância e todo o preconceito em torno da epilepsia, por demais próxima às classificações das doenças mentais ao longo dos séculos, provavelmente iluminam a crítica contundente à arrogância do alienista diante do *mistério* da loucura. Portanto, por que não tocar o tabu, se “para compreendê-lo [Machado], é preciso não esquecer precisamente daquilo que procurou ocultar: da sua origem obscura, da sua mulatice, da sua feiúra, da sua doença (...)” (MIGUEL-PREIRA, 1936, p. 18)?

Ao contrário de *Diário do hospício*, escrita-consequência da internação de Lima Barreto, “O alienista” constitui crítica enviesada, realizada por meio da ficção, nem por isso menos eficaz. José Lemes Lopes aponta ainda para o deslocamento histórico proposital realizado por Machado de Assis: “Para esconder seu interesse pelo tema, desatualiza o relato, colocando-o nos dias já distantes da Colônia. Torna toda atmosfera mágica e irreal (...)” (LOPES, 1974, p. 29). O autor esmera-se no distanciamento, contextualizando a história no período colonial, ou seja, antes mesmo da inauguração do Hospital Nacional dos Alienados, o primeiro hospício oficial do Brasil, criado por decreto do Imperador Pedro II em 1841 e inaugurado em 1852 com seu nome (levou o nome de Pedro II até 1890). Isto significa que em 1881, no ano da publicação de “O alienista”, já existia no Brasil todo um complexo manicomial em torno do isolamento da loucura tal qual prescreveu Pinel, coordenado por autoridades no assunto, mas Machado optou por desfocar essa realidade, recuar a trama. Uma hipótese: desta forma, conferia a Simão Bacamarte o poder verdadeiramente absoluto, sem um alienista sequer no país apto a questioná-lo. Ao mesmo tempo distanciava-se e diluía possíveis questões pessoais.

Documentos históricos da época da fundação do hospício de Pedro

Il registram o funcionamento da pirâmide social que abrigava classes conforme a condição financeira do paciente. A primeira pertencia aos ricos, com direito a quarto privativo e mordomias. A segunda era da classe média, com a manutenção de regalias. A terceira, das “pessoas livres” e dos escravos. As leis do hospício eram precisas na divisão entre *gratuitos* (indigentes) e não-indigentes (*pensionistas*). Os primeiros eram distribuídos em subdivisões humilhantes. Havia a seção dos *tranqüilos limpos*, a dos *agitados*, a dos *imundos* e, por fim, dos doentes. Em *Diário do hospício*, Lima descreve a seção de indigentes como “aquela em que a imagem do que a Desgraça pode sobre a vida dos homens é formidável” (BARRETO, 1993, p. 25). O escritor observa o manicômio do ponto mais baixo da hierarquia do poder. Machado encontra-se distante dessa realidade, porém não menos inteirado da estratificação social transposta para o interior da instituição, já que a Casa Verde é igualmente habitada por ricos e pobres. Há inclusive indícios de que Simão Bacamarte enriquece à custa da loucura alheia. No entanto, quando um grupo de agitadores finalmente se insurge contra a onipotência do alienista Simão em Itaguaí e pede ajuda à Câmara acusando-o de ganância, ele abre mão do pagamento. A ciência está acima do dinheiro.

A novela machadiana contém alusões perceptíveis ao alienismo e à terminologia correspondente: Simão diagnostica pacientes como “furiosos”, “mansos”, “monomaniacos” e ausculta-lhes “mania das grandezas”. Acrescenta ainda prognósticos aparentemente menos *científicos* – embora nada dissonantes em relação ao largo espectro embutido na idéia de *paixões morais* – como “loucos de amor” ou acometidos por uma “volúpia científica” (ASSIS, 1997, p. 256-257); a própria mulher, Evarista, é internada por “mania sumptuária” (ASSIS, 1997, p. 280). O que salta aos olhos é a inconstância daquele que diagnostica, a instabilidade dos critérios, tão volúveis ao longo da trama. A certa altura, são também internados “cultores de enigmas”, “fabricantes de charadas”, “curiosos da vida alheia”, “maldizentes” (ASSIS, 1997, p. 279). E o que parece apenas ficção tem raiz na História. Basta lembrar das *causas* da insanidade enumeradas ao longo dos séculos, a exemplo de: *onanismo*, *vermes*, *sarna*, *insolação*, *excesso de sexo*, *influência da lua*, *paixões e desejos desenfreados*. Ou ainda: o *ar*, a *vida em sociedade*, a *obsessão pela ciência e pelas letras*, a *leitura de romances*, a *vida na corte*, a culpa decorrente do pecado segundo a Igreja (seqüência de fatores re-

ais, de diversos períodos, listados por Foucault em *História da loucura na Idade Clássica*).

Em *Lire le délire*, Juan Rigoli tece um painel analítico do alienismo, da retórica e da literatura na França do século XIX, descrevendo o exercício da psiquiatria na leitura dos escritos dos alienados e investigando a relação entre linguagem e sintomatologia. A interpretação dos escritos de internos de hospícios franceses era incentivada e realizada pelos alienistas com base em preceitos intelectuais pessoais, filosóficos ou literários. Por isto, o autor denuncia: alienistas utilizaram um “eficaz suporte médico para o estabelecimento de uma verdadeira semiologia das paixões” (RIGOLI, 2001, p. 112). Ou seja, ao forçar as fronteiras entre saberes, teriam realizado análises pouco precisas, apesar da certeza com que a ciência imperou no século em questão.

Simão Bacamarte é o bem-acabado paradigma do alienista do século XIX. Lima Barreto é o paradigma do paciente à mercê da psiquiatria brasileira, que no início do século XX cumpria com rigor o modelo de isolamento e a retórica do alienismo herdados do século anterior. Cada qual do seu ponto de vista, na ficção ou na não-ficção, Machado e Lima denunciavam uma instituição cujo poder transcendia. Basta ver o momento, em “O alienista”, daquela que promete ser a virada política da trama: quando o barbeiro Porfírio, líder dos insurretos de Itaguaí, derruba a autoridade de Simão com o apoio da Câmara. Parece que o alienista está, enfim, proscrito. Porfírio, entretanto, reconhece a supremacia da ciência e impede a demolição da Casa Verde, sob a alegação: “(...) pode entrar no ânimo do governo eliminar a loucura? Não. (...) A matéria é da ciência” (ASSIS, 1997, p. 277). A ciência está acima do governo (!).

Ao abordarem o tema *loucura*, mais precisamente o monopólio do *louco* pela ciência, Machado e Lima estabelecem um diálogo entre *alienista* e *alienado* que permite o debate de questões fundamentais acerca do assunto. Nota-se que Simão sequer descreve a rotina dos pacientes, que não têm voz na narrativa, recebendo diagnósticos superficiais e um olhar científico que impõe distância. Lima Barreto inverte o olhar e, na condição de paciente, descreve os ritos diários, o cotidiano asilar em minúcias. Tece perfis dos outros internos do manicômio em forma de anotações para transformar a experiência em ficção (*O cemitério dos vivos*). A crítica estiliza a ironia, excede o limite do sarcasmo, da mordacidade, partindo para o confronto. Lima ridicu-

lariza os médicos e investe, por exemplo, contra os enfermeiros particulares autorizados a acompanhar os pacientes de primeira classe, reclamando da prerrogativa dos ricos, bem como do desprezo pelos *indigentes*. O *eu* é o ponto de partida para um painel das *origens* da loucura, descrito de *dentro*, pela perspectiva do paciente:

Que dizer da loucura? Mergulhado no meio de quase duas dezenas de loucos, não se tem absolutamente uma impressão geral dela. Há, como em todas as manifestações da natureza, indivíduos, casos individuais, mas não há ou não se percebe entre eles uma relação de parentesco muito forte. (...) Há os que deliram; há os que se concentram num mutismo absoluto. Há também os que a moléstia mental faz perder a fala ou quase isso. (...) Há uma nomenclatura, uma terminologia, segundo este, segundo aquele; há descrições pacientes de tais casos, revelando pacientes observações, mas uma explicação da loucura não há. Procuram os antecedentes do indivíduo, mas nós temos milhões deles e, se nos fosse possível conhecê-los todos, ou melhor, ter memória dos seus vícios e hábitos, é bem certo que, nessa população que cada um de nós resume, havia de haver loucos, viciosos, degenerados de toda a sorte. (...) Todas essas explicações da origem da loucura me parecem absolutamente pueris (BARRETO, 1993, p. 39-40).

O trecho revela o caráter inédito da experiência no território do alienista. O *eu* deixa o desabafo, a escrita como defesa do meio delirante, para ir adiante. O ensaio de compreensão da loucura, se já era (é) tarefa árdua para a medicina, consiste em objetivo hercúleo para um interno diluído na massa de ritos do manicômio. Lima, no entanto, esforça-se pelo entendimento racional. Entre dezenas de loucos, procura uma característica comum a todos. Dada a diversidade de manifestações, conclui tratar-se de casos individuais, não-rotuláveis em dogmas cientificistas.

Ao contrário do *alienista*, que atribui diagnósticos a partir de grupos de sintomas e designa classificações *científicas*, Lima, ao conviver com pacientes no mesmo nível de privações e tratamentos, enxerga tão-somente o *indivíduo*. Ressalta a impossibilidade de se fazer uma generalização sobre o tema, julgando precárias as denominações. Com liberdade, divide internos em poucas, concretas designações: os que deliram, os que se calam e os que perdem a fala. Conclusão: apesar do esforço da medicina nas especificações, nunca houve uma *explicação da loucura*. As explicações para a origem do *mal* eram insuficientes. A ciência não podia tudo.

Em “O ‘destino errado’ de Lima Barreto”, Ronaldo Lima Lins mostra como o autor insistiu em sangrar feridas pessoais na literatura, recusando-se à encenação, ao “ridículo com que executávamos a paródia das liturgias sociais européias” (LINS, 1997, p. 299). Em sentido oposto, afirma Ronaldo, Machado alcançou uma posição de ambigüidade:

Todas as feridas pessoais ou sociais, ele as sufocou sob a hegemonia de uma forma com efeito responsável pelo nível excelente que atingiu, derrubando fronteiras ou traços nacionais. Nem por isso, na solidão de seu drama individual deve ter sangrado menos. Assim agindo, aparou arestas e venceu obstáculos que, caso contrário, terminariam por destruí-lo. A cor, elemento de negação de identidade num país escravocrata, diluiu-se, embranqueceu-se (LINS, 1997, p. 301).

Ao *sangrar* em segredo e optar pela fina ironia, o socialmente adaptado Machado afinou diferenças com a sociedade branca, burguesa e europeizada. Evitou o embate direto, optando por uma crítica oblíqua ao investir contra as questões mais polêmicas de seu tempo. O inadaptado Lima Barreto, ao contrário, partiu para um enfrentamento tão radical que, pode-se pensar, os *obstáculos* o venceram. A distinção de estilos, contudo, não apaga a proximidade de certas questões e perspectivas. Na investigação da *verdade* da loucura, Machado aproxima-se de Lima, o escritor do indizível, daquilo que a princípio não se poderia dizer, dado o caráter socialmente *inaceitável* do seu conteúdo.

Dai a pertinência da questão: qual a *verdade* aceitável na literatura? No satírico *Elogio da loucura*, o teólogo holandês Erasmo de Rotterdam afirma/indaga: “Concedei também aos loucos uma qualidade que não é de se desprezar: são os únicos que são francos e verazes. E o que haverá de mais louvável que a verdade?”. Antonin Artaud, ele próprio ex-paciente psiquiátrico na França, toca igualmente no assunto: “(...) o alienado também é um homem que a sociedade não quis ouvir e quis impedir de dizer insuportáveis verdades. (...) Por isso houve bruxarias unânimes a propósito de Baudelaire, Edgar Poe, Gérard de Nerval, Nietzsche, Kierkegaard, Hölderlin, Coleridge” (ARTAUD, 1993, p. 21-22). Nesse contexto cabe a pergunta: autores que tangenciaram a loucura teriam se aproximado mais da *verdade*? Num período histórico ditado pela *verdade* científica, Machado de Assis e Lima Barreto ao menos parecem ter concordado num ponto fundamental: se existe uma *verdade* da loucura, seja genial ou cruel, esta pertence mais ao alienado do que ao alienista.

ABSTRACT

The analogy between “O alienista”, by Machado de Assis, and *Diário do hospício*, by Lima Barreto, reveals similarities and differences in the authors’ perspectives towards a very important issue for both: *madness*. Machado has used a fictional support to build up the image of an alienist in the 19th century, Simão Bacamarte, the symbol of science as a supreme power. Lima wrote his diary in an emergency, while he was a psychiatric patient at Hospital Nacional dos Alienados (1919/20). Each one in his style and genre, both have inverted power’s perspective for they disqualified the alienist’s authority, either exaggerating his ridiculous image or criticizing his arbitrary positions and faults. Both authors point out another way of looking for a certain madness *truth* and criticize psychiatry’s despotic power in a period ruled by scientific *truth*.

KEY WORDS: Literature, madness.

REFERÊNCIAS

- ARTAUD, Antonin. *Van Gogh, o suicidado da sociedade*. Lisboa: Hiena, 1993.
- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1997.
- BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada/Editora da Universidade de São Paulo, 1988.
- BARRETO, Lima. *Obras de Lima Barreto*. São Paulo: Brasiliense, 1956.
- _____. *Diário do hospício*. Manuscritos (microfilme – 79 tiras). Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1919-1920.
- _____. *Diário do hospício/O cemitério dos vivos*. Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1993.
- BATISTA, Abel. The Paradox of the Alienist. In: ROCHA, João Cezar de Castro (editor). *The Author as Plagiarist: the Case of Machado de Assis*. Massachusetts Dartmouth, 2006.
- BRUNEL, Pierre. Itagã, ou le grand théâtre du monde. In: Machado de Assis, Joaquim Maria. *L’Aliéniste*. Paris: Métailié, 2005.

COSTA LIMA, LUIZ. O palimpsesto de Itaguaí. In: *Pensando nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

ELIA, Francisco Carlos da Fonseca. *Doença mental e cidade: o hospício de Pedro II*. Rio de Janeiro: Papéis avulsos/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1996.

FOUCAULT, Michel. *História da loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva, 1995.

_____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

HOUAISS, Antonio; FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de (coordenadores). *Lima Barreto – Triste fim de Policarpo Quaresma (Edição crítica)*. Madri: Coleção Archivos/Scipione Cultural, 1997.

JUNIOR, Peregrino. *Doença e constituição de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1938.

KAPLAN, Harold I. E SADOCK, Benjamin J. (org.). *Comprehensive textbook of psychiatry*. Baltimore: Williams & Wilkins, 1995.

LOPES, José Leme. *A psiquiatria de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Agir, 1974.

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *Machado de Assis*. São Paulo: Companhia Nacional, 1936.

_____. *Prosa de ficção (de 1870 a 1920) – História da literatura brasileira*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1988.

PESSOTTI, Isaías. *A loucura e as épocas*. São Paulo: Editora 34, 1994.

RIGOLI, Juan. *Lire le délire – Aliénisme, rhétorique et littérature en France au XIXe. siècle*. Paris: Fayard, 2001.

ROTTERDAM, Erasmo de. *Elogio da loucura*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.